

Entrevista com Michel Gantois (Engie): “O sistema de Ilo estará resolvido antes de dezembro”

SALDARRIAGA, Juan. “Entrevista com Michel Gantois (Engie): ‘O sistema de Ilo estará resolvido antes de dezembro’”. El Comercio. Lima (Peru), outubro de 2016.

A elétrica francesa Engie (antes Enersur) continua crescendo no Peru. Nos próximos dois anos, vai lançar três novas centrais elétricas: O Circuito de Ilo (quase US \$ 400 milhões), a planta Ciclo Combinado Chilca Dos (US \$ 130 milhões) e o Parque Solar Intimampa (US \$ 55 milhões). A francesa espera que a demanda elétrica cresça e absorva a produção de esses projetos. Enquanto isso, estuda novas estratégias de negócio. Quais são? Miche Gantois, o CEO no Peru, responde nesta entrevista.

Engie é o maior gerador elétrico do país e vai crescer ainda mais com novas usinas, apesar do excesso de oferta no setor. Por quê?

Sim. Nós temos projetos em construção que foram licitados anteriormente (quando não havia excesso de oferta), incluindo um de particular importância para nós e para o país, que é o Circuito de Ilo, que será relevante quando a demanda de eletricidade crescer no futuro. Será benéfico porque vai ajudar a descentralizar geograficamente a oferta eficiente de energia (concentrada em Chilca) e por que cumprirá a visão do governo, de ser uma das duas âncoras do Gasoduto do sul Peruano (a outra é a central de Mollendo)

Como a construção deste projeto avança?

Ele está quase terminado. Pensamos em concluir a construção do Circuito de Ilo em outubro ou novembro deste ano.

Para quando vocês tinham se comprometido a construir-lo?

No início de 2017, mas vamos acabar meses antes. Temos agora uma capacidade instalada de 2.028 MW e a central adicionará 600 MW, que é o nosso compromisso segundo o contrato de concessão.

Estarão prontos para operar quando os COES (Comitê de Operações do Sistema Interligado Nacional) os requisite?

Somente com diesel [por ser dupla, pode operar com diesel e gás]. Por enquanto, a central é uma planta de emergência.

E quando o gás chegar em 2018 ou 2019, o sistema será 100% utilizada (dado o excesso de oferta de eletricidade que existe)?

[o Gás] irá demorar um pouco mais para chegar. Quanto ao sistema, pensamos que não é possível operar o tempo todo, devido ao excesso de oferta de energia. No entanto, se essa é consumida em poucos anos, ao chegar o gás vamos estar mais perto do ponto de equilíbrio. Esse será o momento em que todos os industriais do sul estarão contentes de ter uma fonte de energia eficiente, que talvez não produzirá 100% todo o tempo, mas

cada vez mais, conforme a demanda cresça.

Se o Circuito não está operando em 100%, qual a rentabilidade para vocês?

Bem, recebemos uma renda anual do Estado pelo conceito de capacidade, ou seja, pelo fato do Circuito estar instalada. Essa renda (ou subsídio) vai pagar o investimento até que o gás chegue ao sul e possamos firmar contratos de venda de energia a longo prazo com clientes livres.

Qual valor do subsídio?

US\$38 milhões anuais. É um pagamento fixo (que a cada ano se encarregará dos recibos de luz) durante as duas décadas de concessão.

Isso pagará o investimento no Circuito? Qual valor?

Um pouco menos de US\$400 milhões

Vocês aproveitarão o gás de Camisea para a reserva fria de Ilo?

Tecnicamente, poderíamos fazer. Pensamos nessa possibilidade quando se lançou a idéia do Circuito, mas a resposta que recebemos do governo foi que o gás de Camisea devia ser priorizado pelas plantas de Ilo e Mollendo, Assim, nossa reserva fria ficará com está hoje.

Que outros projetos a Engie tem, além da Central?

Nós temos a Central de Ciclo Combinado Chilca Dos, que entrará em operação em novembro deste ano [o ciclo simples começou em abril passado]. É um projeto que não se beneficia de qualquer subsídio do Estado. Foi construído com uma visão comercial, embora entendemos que nossa receita vai levar um tempo a se concretizar devido ao excesso de oferta de geração. E em janeiro próximo começará a construção da Central Solar Intipampa, que nós ganhamos no último leilão de energias renováveis (RER)

Será um parque solar?

Será um parque solar que se conectará à rede, e que entrará em operação no final de 2017 ou início de 2018. É um projeto muito importante para nós porque é a primeira vez que construiremos um ativo solar no Peru. Na Engie estamos acompanhando a novela que se tornou o desenvolvimento de energias renováveis, com preços cada vez mais baixos. É um mundo muito competitivo em que para ser honesto, não ganhamos muito dinheiro. Mas é o futuro da energia e queremos participar de mais projetos.

Vocês esperarão pelo próximo leilão RER para desenvolver mais projetos de energia solar?

Possivelmente. Mas as energias renováveis também recebem subsídios do Estado. Assim, é possível que o Governo, ao olhar para os preços baixos do último leilão RER, decida que já não é necessário dar mais subsídios ou adie o próximo leilão, porque agora temos bastante energia.

Quantas plantas de energia vão adicionar?

Teremos o Circuito de Ilo (600 MW), a Reserva Fria de Ilo (500 MW), Ilo 1 (217 MW), Ilo 21 (135 MW), Chilca Uno (852 MW), Chilca Dos (113 MW), as centrais hidroelétricas Yuncán (134 MW) e Quitarcas (114 MW), e a planta eólica Intipampa (40 MW).

Que projetos vocês tem para o futuro?

Esperamos que a demanda cresça e absorva a produção de nossas plantas. Depois, o

próximo estágio pode ocorrer em duas direções: fechar o ciclo combinado do Circuito de Ilo ou desenvolver novos projetos eólicos e solares, seja com ou sem leilões..

E enquanto a demanda de eletricidade não cresce, que estratégias buscam?

Buscamos novas ofertas de serviços para nossos clientes industriais, da mineração e do comércio. Nós também avaliamos outros negócios, como a descentralização de energia para comunidades remotas sem acesso à rede elétrica.

Algo como eletrificação rural?

Nós olhamos para a possibilidade de trabalhar com as comunidades ou clientes industriais isolados, implementando painéis solares, que podem ser ligadas ou não à rede. Não é um projeto fácil, porque há dificuldades logísticas e de retorno sobre o investimento, mas acreditamos que vai ajudar o desenvolvimento do país, fornecendo energia à populações que ainda não se beneficiam de uma fonte barata e independente.

O que você acha de exportar eletricidade ao Chile?

É uma boa idéia para equilibrar a oferta e a demanda, mas isso não vai acontecer rapidamente. Existem fatores técnicos, mas, acima de tudo, políticos. Por exemplo, podemos exportar o excesso de oferta de energia ao Chile, mas o que acontece se um dia houver um déficit de energia elétrica no país? Por isso, será muito difícil para o governo se recusar a priorizar a demanda doméstica. Portanto, o mais lógico é exportar ou trocar excedente de como acontece com o Equador.

Engie, de fato, já faz ...

É uma relação bilateral com a empresa elétrica estatal do Equador. Isso criou 1.500 MW, e para eles sobra eletricidade em época de chuvas. Então, o que fizeram foi oferecer até 60 MW a 70 MW, através de contratos com alguns geradores peruanos, como nós, que foram os primeiros. Quando eles precisam, vamos oferecer-lhes. Mas serão excedentes.

Vocês acabam de colocar S / 250 milhões em títulos. Vocês pensam em fazer de novo?

Não saímos para o mercado de capitais desde 2010, porque estávamos financiando os US\$1.600 milhões que investimos nos últimos seis anos, com empréstimos bancários e leasing. Mas, no final do período de pagamento, tínhamos necessidades importantes, como encontrar combustível para os tanques de diesel do Circuito. Por isso, fizemos esta emissão de S /.250 milhões, nos traz a possibilidade de continuar utilizando nos próximos anos, o programa de títulos locais, sem sair ao mercado internacional.